

**MISCELÂNEA DE
ESTUDOS
EM HONRA DE
MARIA DE FÁTIMA SILVA**

VOLUME II

**FREDERICO LOURENÇO
SUSANA MARQUES
(COORD.)**

ijU



I N V E S T I G A Ç Ã O



EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensa@uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO GRÁFICA

Imprensa da Universidade de Coimbra

REVISÃO

Daniela Pereira

IMAGEM DA CAPA

Laura Adai - Unsplash

INFOGRAFIA

Margarida Albino

EXECUÇÃO GRÁFICA

KDP

ISBN

978-989-26-2399-3

ISBN DIGITAL

978-989-26-2400-6

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2400-6>



Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/00196/2020
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

MISCELÂNEA DE
ESTUDOS
EM HONRA DE
MARIA DE FÁTIMA SILVA

VOLUME II

FREDERICO LOURENÇO
SUSANA MARQUES
(COORD.)



(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

IDADE MÉDIA	9
Ὁ λόγος τῆς ἱστορίας: Ana Comnena e a narração da história – Mário de Gouveia	11
A Corte de Avis e a europeização de Portugal: O Infante D. Pedro – Nair de Castro Soares.....	27
HUMANISMO	43
Reminiscências da <i>Arte Poética</i> Horaciana na obra do Humanista Inácio de Moraes – Aires Pereira do Couto	45
A etopeia ou a criação de carácter de um herói – D. João de Castro – de matizes clássicas na historiografia e na épica do século XVI – Luís Miguel Henriques	65
Retórica em palco: o espaço performativo na agenda política da <i>Tragicomédia do rei Dom Manuel</i> – Margarida Miranda.....	87
Da utilidade e dignidade da Poesia: o discurso latino de Francisco de Mendonça SJ em louvor da poesia – Carlota Miranda Urbano	101
“Trionfi da tavola” e poemas açucarados no Paço Ducal de Vila Viçosa – André Simões.....	119
O culto de Rainha Santa Isabel em Aragão. <i>Historia, y Vida</i> <i>de Santa Isabel, Reyna de Portugal, y Infanta de Aragon</i> de Juan Carrillo – a influência de Pedro Perpinhão – Helena Costa Toipa	135

RECEÇÃO DOS CLÁSSICOS	155
Sobrevidas Brasileiras de Orfeu – Maria Aparecida Ribeiro	157
Seis autores en búsqueda de un personaje: El mito de Orfeo. Tradición y relecturas desde América Latina – Rómulo Pianacci	177
Esponsais linguísticos: Machado e Rosa – Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa	197
<i>Andam faunos pelos bosques: erudição clássica num “faceto discorrer” sobre o “génio da espécie” – Maria José Ferreira Lopes</i>	217
Horace and Ovid in Matthew Lewis’s <i>The Monk</i> (1796) – Stephen Harrison	249
Nathaniel Hawthorne, Narrative Empathy and the <i>Odyssey</i>: A Reading of “Wakefield” – Lucía P. Romero Mariscal.....	275
El edén perdido – Concepción López Rodríguez.....	289
Re-reading Euripides’ <i>Bacchae</i> through performance at the end of the nineteenth and into the twenty-first centuries – Fiona Macintosh.....	311
Antígona, um mito de exílio no teatro português e espanhol do século XX – Carlos Morais.....	341
O(s) espaço(s) do exílio em <i>Sob o olhar de Medeia</i> – Ana Seíça Carvalho	369
E a cidade não expulsou o poeta: ecos clássicos na obra de Léopold Senghor – Maria Cristina Pimentel & Arnaldo do Espírito Santo	383
<i>Indícios clássicos no conto “Os sapatos novos de Josefate Ngwertana”, de João Paulo Borges Coelho – Maria Fernanda Brasete.....</i>	407
Reconstruyendo a Pericles. Fuentes griegas en <i>Pericles y Aspasia</i> de Millán Picouto – María Teresa Amado Rodríguez.....	433
A retórica da palavra e do mito em cenário de guerra: Perdoar Helena de Eurípides a José Tolentino Mendonça – Martinho Soares	461

O regresso de Ulisses e a Multiplicidade de Calvino	
– Rita Marnoto	483
A poesia de Manuel Alegre: ecos do mito de Ulisses na contemporaneidade	
– Susana Marques	499
Ecoss da Antiguidade na Poesia Portuguesa Contemporânea:	
Ulisses Plurais – memórias míticas – Adriana Freire Nogueira	515
Não sei se sem poemas há país. Notas sobre <i>Nada está escrito</i> de Manuel Alegre	
– José Ribeiro Ferreira	537
As mulheres Troianas da Síria – Sandra Pereira Vinagre	563
LITERATURA CONTEMPORÂNEA	585
«Meter isto num romance»: José Saramago e a narrativização do espaço	
– Carlos Reis	587
Sob o signo de Jerónimo de Mendonça e de Rainer Maria Rilke	
História e poesia em <i>Jornada de África</i>, de Manuel Alegre	
– Maria António Hörster	601
Santo António na segunda década do século XXI	
Representações literárias em português e alemão – Maria de Fátima Gil	623

**O REGRESSO DE ULISSES E A MULTIPLICIDADE
DE CALVINO**

**THE RETURN OF ODYSSEUS AND THE MULTIPLICITY
IN CALVINO**

Rita Marnoto

Univ. Coimbra, CIEP

ORCID: 0000-0003-0319-4026

rmarnoto@fl.uc.pt

Resumo: Este artigo trata o tema do regresso de Ulisses a Ítaca, considerando quer a obra de alguns/mas poetas portugueses/as contemporâneos/as, quer o episódio da *Commedia*, de Dante Alighieri. Desenvolve-se a partir do conceito de Multiplicidade, nos termos em que foi aprofundado por Italo Calvino. A ideia de conhecimento como enciclopédia aberta, exposta pelo crítico italiano, convoca o herói que Homero caracterizou como múltiplo e que, ao longo dos séculos, se prestou a variadíssimas recriações. Nesse sentido, cabe a Dante um papel mediador essencial, cujas virtualidades se encontram bem presentes na poesia portuguesa contemporânea.

Palavras-chave: Multiplicidade, Italo Calvino, Ulisses, Dante Alighieri, Poesia portuguesa contemporânea

Abstract: This article deals with the theme of Odysseus' return to Ithaca, considering both the work of some contemporary Portuguese poets and the episode of the *Commedia*, by Dante Alighieri. It develops from the concept of Multiplicity, in the terms in which it was deepened by Italo Calvino. The idea of knowledge as an open encyclopedia, exposed by the Italian critic, summons the hero that Homer characterized as

multiple and that, over the centuries, has lent to various recreations. In this sense, Dante plays an essential mediating role, whose virtualities are well present in contemporary Portuguese poetry.

Keywords: Multiplicity, Italo Calvino, Ulisses, Dante Alighieri, Portuguese Contemporary Poetry

Primeiro tempo

O regresso de Ulisses a Ítaca não ocorreu apenas no XV canto da *Odisseia*. Muitos outros Ulisses, de muitas outras literaturas, voltaram a Ítaca.

A poesia portuguesa contemporânea é particularmente rica em *nostos* de vários Ulisses que reencontram a dilecta esposa, Penélope, o querido filho, Telémaco, e o saudoso pai, Laertes. Valham por todas as páginas de Sophia de Mello Breyner Andresen, de Manuel Alegre ou de Fiama Hasse Pais Brandão – o elenco seria vastíssimo¹.

Colocadas na boca do combatente vindo de Troia, as palavras de Sophia realçam bem a determinação com que o herói afirma o seu regresso:

Mesmo que me prometas a imortalidade voltarei para casa
Onde estão as coisas que plantei e fiz crescer
Onde estão as paredes que pintei de branco²

¹ De entre os poetas portugueses contemporâneos que modelaram o mito, José Ribeiro Ferreira recorda igualmente Eugénio de Andrade, David Mourão Ferreira, Fernando Guimarães, João Maia, João Miguel Fernandes Jorge, Miguel Torga, Natália Correia, Nuno Júdice, Ruy Cinatti, Orlando Neves, Pedro Tamen ou Vasco Graça Moura (Ferreira 2013: 89). O tema foi abordado por esse crítico numa série de estudos de referência para os quais reenvio, tendo em linha de conta a bibliografia remissiva indicada (Ferreira 1997, 2001, 2013); ver também Oliveira 2002. Para uma visão abrangente do tratamento de temas clássicos na literatura portuguesa, ver Oliveira 2002.

² Andresen 2012: 34. Os versos fazem parte do poema intitulado *Em Hydra, evocando Fernando Pessoa*, originariamente publicado no volume *Dual*, de 1972.

O primeiro verso transcrito encerra numa só linha, com uma formulação lapidar, o diálogo entre Calipso e Ulisses do canto v da *Odisseia*. Hermes tinha acabado de entregar a Calipso a mensagem de Zeus, que ordenava à ninfa que libertasse Ulisses da sujeição em que há sete anos o mantinha, dando-lhe tudo quanto necessário para que continuasse a sua viagem e pudesse regressar a Ítaca. O ditame provinha, inapelável, do deus dos deuses. Não obstante, Calipso ainda procura aliciar Ulisses, numa derradeira tentativa de o reter, acenando-lhe à imortalidade – com palavras que, em língua portuguesa, soariam: “aqui permanecerias, para comigo guardares esta casa;/e serias imortal”³. Mais do que isso, faz-lhe ver a sua superioridade relativamente a Penélope, com quem rivaliza – “não é possível que mulheres/compitam em corpo e beleza com deusas imortais”⁴.

Mas nem promessas de outros mundos fazem o herói vacilar, por um instante que seja. Ulisses quer decididamente voltar para Ítaca – “Mesmo que me prometas a imortalidade voltarei para casa”, declara, perentório, o Ulisses de Sophia.

Esse voluntarismo é ainda vincado, no palimpsesto sobre o qual a poeta grava os seus versos, pela forma como modela o tema do *ubi sunt?*⁵. Ao horizonte da imortalidade na ilha de Calipso, Ulisses contrapõe a recordação, bem concreta, de quanto construiu em Ítaca, num sibilino reenvio para uma continuidade que aliás convoca a empatia do leitor, mas sem lamentar o bem perdido que lá deixou. Diferentemente, afirma com voluntariosa pertinácia que na sua ilha permanece tudo quanto plantara, fizera crescer e pintara. O tema do *ubi sunt?* é pois sujeito a um tratamento *alla rovescia* que enfatiza a determinação em concluir a viagem de regresso iniciada, instigando o *nostos*.

³ Hom. *Od.* 5.208-209.

⁴ Hom. *Od.* 5.212-213.

⁵ Sobre a circulação desse tema recorrente e o seu intenso uso na Idade Média cristã, ver Di Sciacca 2008.

Segundo tempo

Uma das lições que Italo Calvino preparou para apresentar às *Poetry Lectures Charles Eliot Norton* da Universidade de Harvard, no ano acadêmico de 1985-1986, é dedicada à Multiplicidade. O ciclo foi consagrado a uma série de grandes valores a preservar, como qualidades da literatura do próximo milênio. Um desses valores é a Multiplicidade:

La conoscenza come molteplicità è il filo che lega le opere maggiori, tanto di quello che viene chiamato modernismo quanto di quello che viene chiamato il *postmodern*, un filo che – al di là di tutte le etichette – vorrei continuasse a svolgersi nel prossimo millennio.⁶

Por conseguinte, a uma enciclopédia totalizante que pretenda concentrar o saber num círculo fechado, Calvino contrapõe uma enciclopédia, por assim dizer, aberta, conjectural e múltipla, que à partida nunca poderá esgotar o conhecimento. Sintomaticamente, o ensaísta chama à colação o *Ulysses* de James Joyce e a força centrífuga que liberta, “come garanzia d’una verità non parziale”⁷.

Há que considerar, porém, até que ponto essa força centrífuga, que não esgota o conhecimento do mundo, será apenas apanágio dos Ulisses da modernidade e da pós-modernidade. Afinal, ela já se encontrava inscrita, desde todo o sempre, no perfil que Homero desenhou do seu herói. Aquele Ulisses que qualificou como *polymetis*, *polytropos*, *polymechanos*, *polyphron* ou *polytlas* continha em si os gérmes de todos os Ulisses que foram heróis da Multiplicidade⁸.

⁶ Calvino 1995: 726. Italo Calvino faleceu inesperadamente no Verão de 1985 e o ciclo de palestras não se veio a realizar. O texto de algumas das conferências encontrava-se já numa fase adiantada de elaboração, tendo sido publicado, a título póstumo, com o título de *Lezioni americane*. A lição dedicada à Multiplicidade, que é a quinta, deveria ser ainda desenvolvida. Outras ideias limitaram-se a um esboço elementar, como “Cominciare e finire”.

⁷ Calvino 1995: 726.

⁸ “The epic depends very much more than the *Iliad* on a single character; and Odysseus has become a seminal figure in European literature, with eternal human qualities of resolution, intellectual curiosity, and love of home. Apart from books 9

Terceiro tempo

Dante Alighieri captou genialmente a fertilidade dessas facetas do viajante vindo de Troia, ao libertá-lo da força centrípeta de Ítaca. O Ulisses da *Commedia* é exceção prístina à vaga de fundo que, desde Homero, consagrava o *nostos*, e assim o continuará a consagrar, até aos nossos dias. O Ulisses de Dante não regressa a casa.

A personagem surge no XXVI canto do *Inferno*, no qual penam as sombras de conselheiros fraudulentos que arrastaram outrem por maus caminhos. Este Ulisses não quis voltar para Ítaca, instigando a sua tripulação a seguir viagem. Deixada para trás a sua ilha, continuara a navegar pelo Mediterrâneo, entre a costa europeia e a costa africana, e passara pela Sardenha e pelas Baleares. Foi então que dirigiu à sua tripulação a “orazion picciola”⁹. Com três *terzine*, convence os marinheiros a seguirem viagem, aliciando-os com a possibilidade de alargar o saber, a virtude e o conhecimento: “Considerate la vostra semenza:/fatti non foste a viver come bruti,/ma per seguir virtute e canoscenza”¹⁰. Obtida a sua entusiástica anuência, supera o *non plus ultra* das Colunas de Hércules e ruma pelo Oceano fora, alcançando o hemisfério austral.

Tudo termina quando a embarcação soçobra:

Li miei compagni fec' io sì aguti,¹¹
con questa orazion picciola, al cammino,

to 12, the settings are domestic, Ithaca, Pylos, Sparta, and Scheria (the land of the Phaeacians). The effect of this is that the gentler qualities of politeness, sensitivity and tact come into play, as in the delicate interchanges between Odysseus and Nausicaa (the princess on Scheria) and her parents. On the other hand, the boorish behaviour of the suitors shows a break-down of the social order”, comenta Susane Saïd, mostrando como a diversidade das facetas de Ulisses remonta à caracterização que Homero faz da sua personagem (Saïd 2003: 719).

⁹ *Inf.* 26. 112-120.

¹⁰ *Inf.* 26. 118-120.

¹¹ “[A]cutamente desiderosi di mettersi in viaggio”, anota Giorgio Inglese, chamando à colação a variante do ms. Laurenziano “arguti”, que corresponde ao it. “arditi” (Inglese 2016, *ad loc.*).

che a pena poscia li avrei ritenuti,
e volta nostra poppa nel mattino,
de' remi facemmo ali al folle volo,
sempre acquistando dal lato mancino.

Tutte le stelle già de l'altro polo
vedea la notte, e 'l nostro tanto basso,
che non surgea fuor del marin suolo.

Cinque volte raccesso e tante casso
lo lume era di sotto da la luna,
poi che 'ntrati eravam ne l'alto passo,
quando n'apparve una montagna, bruna
per la distanza, e parvemi alta tanto
quanto veduta non avea alcuna.

Noi ci allegrammo, e tosto tornò in pianto,
ché de la nova terra un turbo nacque
e percosse del legno il primo canto.

Tre volte il fé girar con tutte l'acque,
a la quarta levar la poppa in suso
e la prora ire in giù, com' altrui piacque,
infin che 'l mar fu sovra noi richiuso.¹²

O episódio de Ulisses, além de ser um dos mais comentados da *Commedia*, distingue-se pela diversidade das interpretações que motivou¹³. É como se a “orazion picciola” tivesse aliciado não só os seus companheiros de viagem, mas também todos/as aqueles/as que, desde então até hoje, foram seduzidos/as pelas palavras do XXVI canto do *Inferno*. Ou seja, pelo herói da Multiplicidade que, sedento de conhecimento e promotor de conhecimento, rasgou o ciclo da enciclopédia, abrindo-se, ele mesmo, a leituras e revisitações extraordinariamente multifacetadas.

¹² *Inf.* 26. 121-142.

¹³ Ver Chiavacci Leonardi 2015, *ad loc.*; Inglese 2016, *ad loc.*

Quarto tempo

Com esse lance fulgurante, Dante criou um novo mitema que explora a Multiplicidade do Ulisses de Homero. Desvinculou o herói de um circuito de saber padronizado, que estabelecia o reencontro da esposa, do filho e do pai, e ao fazê-lo, tirou o melhor partido das suas virtualidades.

A denegação do *nostos*, no século de Dante, é um ato de uma ambição desmedida. E continua a sê-lo no nosso:

L'eccessiva ambizione dei propositi può essere rimproverabile in molti campi d'attività, non in letteratura. La letteratura vive solo se si pone degli obiettivi smisurati, anche al di là d'ogni possibilità di realizzazione. Solo se poeti e scrittori si proporranno imprese che nessun altro osa immaginare la letteratura continuerà ad avere una funzione. Da quando la scienza diffida dalle spiegazioni generali e dalle soluzioni che non siano settoriali e specialistiche, la grande sfida per la letteratura è il saper tessere insieme i diversi saperi e i diversi codici in una visione plurima, sfaccettata del mondo.¹⁴

– comenta Italo Calvino no citado ensaio dedicado à Multiplicidade.

Para criar o seu Ulisses, por um lado, Dante soube tecer, conjunta e subtilmente, uma pluralidade de fontes, de saberes e de elementos culturais que consagram o herói múltiplo.

Não se esqueça, por outro lado, que o autor da *Commedia* era um homem da baixa Idade Média. Conhecia Aristóteles através das traduções que então circulavam, tinha um certo conhecimento de Cícero¹⁵, mas a teoria da *imitatio* e a filologia estavam para além dos seus horizontes, deixando-lhe uma certa liberdade para novas e surpreendentes remodelações. Os largos espaços pelos quais a sua

¹⁴ Calvino 1995: 723.

¹⁵ Vasta informação remissiva em Barański; Gilson 2019.

fantasia circulou eram os da enciclopédia aberta, conjetural e múltipla, à maneira de *Li livres dou tresor* do seu mestre Brunetto Latini.

Quinto tempo

Uma das questões mais acutilantes, colocada pelo encontro com a sombra de Ulisses, diz respeito ao conhecimento que Dante teria de Homero e da *Odisseia*. Um acesso direto ao texto homérico está fora de questão. Nem o ocidente europeu o conhecia na sua configuração original¹⁶, nem Dante sabia grego¹⁷.

E, no entanto, ao interrogar-se sobre a língua em que Virgílio, guia de Dante, entrou em diálogo com Ulisses, a crítica especializada admite ter sido o grego. É muito viva a curiosidade, manifestada pelo pecador que viaja pelo reino dos mortos, em ouvir a história do herói de Troia, contada pela sua própria boca – “maestro, assai ten priego,/e ripriego, che 'l priego vaglia mille”, diz a Virgílio¹⁸. O guia louva-se nesse desvelo, mas advertindo-o que não deverá ser ele a falar – “Lascia parlare a me, ch'i' ho concetto/ciò che tu vuoi; ch'ei sarebbero schivi,/perch' e' fuor greci, forse del tuo detto”¹⁹. O grego era uma língua geralmente conhecida pelos escritores romanos do tempo de Virgílio, muitos dos quais nela se sabiam exprimir. Como tal, o Dante que na *Commedia* escuta em silêncio o diálogo entre Virgílio e Ulisses devia, também ele, entendê-la, para acompanhar a conversa que tanto o interessava.

O facto de o escritor Dante Alighieri não conhecer a língua grega em nada impede a sua personagem de a saber. Sob esse ponto de vista, no encontro com Ulisses é subtilmente projetado, à partida,

¹⁶ Para contextualizar o assunto, ver Marnoto 2011, Marnoto 2016.

¹⁷ Guido Martelloti é perentório acerca dessa questão (Martellotti 1983).

¹⁸ *Inf.* 26. 65-66.

¹⁹ *Inf.* 26. 73-75. Dentro de uma mesma chama com duas pontas estão Ulisses e Diomedes.

um efeito meta-literário de ambição poliglota, a ambição quimérica de dominar a língua de Homero.

Aliás, há versos do episódio que modelam formulações que se poderiam dizer homéricas. Um dos exemplos mais evidentes é o que contém a imagem das asas – “de’ remi facemmo ali al folle volo”²⁰. Encontra o seu correspondente próximo na *Odisseia* – “nem os remos de bom manejo, que às naus dão asas”²¹. Será, porém, à mediação de Virgílio que Dante se refaz: “*temptamusque uiam et uelorum pandimus alas*” (*Aen.* 3. 520). Virgílio é guia, e não só pelo reino das sombras, como também pelo reino da literatura²².

Uma outra referência primordial do episódio são os livros XIII e XIV das *Metamorfoses*. De resto, o conhecimento que Dante teria da guerra de Troia e dos acontecimentos que lhe andam associados reentra no espectro de uma nuvem esfumada que condensa a *Ilias latina*, de Bêbio Itálico, a *Ephemeris belli troiani*, atribuída a Dictis, e o *De excidio Troiae*, atribuído a Dares, as *Periochae*, atribuídas a Ausônio, ou o *Roman de Troie*, de Benoît de Sainte-Maure, bem como as suas várias reelaborações, com relevo para a *Historia destructionis Troiae*, atribuída ao juiz Guido delle Colonne, poeta da escola siciliana²³. Mesmo assim, Dante não dá sinais, ao longo de toda a sua obra, de conhecer o filão²⁴.

²⁰ *Inf.* 26. 125. Para outros casos, ver Chiavacci Leonardi 2015, *ad loc.*; Inglese 2016, *ad loc.*

²¹ Hom. *Od.* 11.125. Ver também o verso 5.172, que na tradução de Frederico Lourenço soa: “e falando dirigiu-lhe palavras apetrechadas de asas”.

²² Ver Marnoto 2003; Boitani 2012. Algumas vezes críticas contemporâneas de Dante reclamaram uma maior proximidade entre a *Commedia* e a *Eneida*, quanto à língua e ao gênero literário, o que reentrava na hierarquia tripartida dos estilos. Ficaram famosas as observações de um mestre do *studium* de Bolonha, tão diligente leitor de Virgílio que era conhecido como Giovanni del Virgilio. Expôs o seu ponto de vista numa epístola métrica que dirigiu a Dante, o qual lhe respondeu com uma outra em que opera uma subtil inversão entre o gênero mais elevado da escala medieval, o épico, e o mais humilde, o bucólico. É marco da recuperação do bucolismo para a era moderna (ver Marnoto 1995: 15-25).

²³ Ver Baldelli 1998; e, mais recentemente, Álvarez Morán; Iglesias Montiel 2008 e Chiappinelli 2018.

²⁴ Guido Martelloti pôs em causa o conhecimento dos epítomes latinos da *Odisseia* que circulavam na Idade Média, pois Dante, em toda a sua obra, nunca os cita nem

De qualquer modo, em nenhum desses escritos poderia o autor da *Commedia* encontrar um Ulisses que ultrapassasse as Colunas de Hércules e seguisse pelo Oceano adentro²⁵.

Num âmbito mais geral de fundo antropológico, há que ter em linha de conta uma tradição que, cruzando reminiscências de origem pagã com a esfera cristã, colocava o reino dos mortos no oceano. Crenças primitivas sustinham que aqueles que iam para as ilhas dos bem-aventurados não sofriam a morte²⁶. Essa ideia facilmente se entrelaçou, na baixa Idade Média, com o potentíssimo filão da *Nauigatio Sancti Brendani*, transferindo o ancestral mitema das ilhas dos bem-aventurados para a navegação oceânica²⁷.

A esse propósito, poder-se-á confrontar a descrição da “montagna, bruna/per la distanza, e parvemi alta tanto”²⁸, que põe fim à navegação, com o seguinte passo da *Nauigatio*: “*Altera sane die, apparuit illis mons altus in oceano contra septentrionem, non longe, sed quasi per tenues nebulas ualde fumosus in summitate*”²⁹.

dá mostras de os conhecer (Martellotti 1983).

²⁵ Recorde-se, no plano histórico, a grande ressonância obtida, em finais do século XIII, pela expedição organizada em 1291 por Tedesio Doria e pelos irmãos Ugolino e Vadino Vivaldi. Os dois irmãos zarparam de Génova nas galés Allegranza e Sant’Antonio, com o plano de chegarem ao continente asiático, impelidos por objetivos declaradamente comerciais. Nada mais se soube deles. Dante não teria deixado de conhecer o episódio, mas nunca o referiu. Antoniotto Usodimare, o genovês que no século XV acompanhou algumas expedições portuguesas ao longo da costa africana, numa carta datada de 1455 afirma ter encontrado o último descendente de um deles na costa do Senegal, mas a informação não tem vindo a merecer crédito (Surdich 2020).

²⁶ Ver Pereira 1955: 34.

²⁷ “Entre os textos mais difundidos na Idade Média está o da *Nauigatio Sancti Brendani*, que conta com um largo número de manuscritos para a versão mais divulgada e apresenta traduções para várias línguas romances. Convive com outros textos de tradição menos conhecida e relativamente aos quais não tem sido unânime o estabelecimento de relações.” (Nascimento 1998: 7-8). São Brandão, monge irlandês nascido no final do século V, desenvolveu uma intensa atividade de organização da vida monástica, tendo empreendido, com motivações pastorais e/ou ascéticas, várias viagens pelas ilhas próximas da Irlanda, onde se encontravam recolhidos prestígiados monges.

²⁸ *Inf.* 26. 133-134.

²⁹ Nascimento 1998: 106. “A verdade é que no dia seguinte lhes apareceu um monte alto no oceano do lado norte, não longe, mas como que envolvido por ténues neblinas, a fumeigar muito do cimo.” (Nascimento 1998: 107). Ver igualmente as pp. 174-175, 182-183, 186-187, etc., bem como os comentários *ad loc.*

Não obstante, qualquer que seja a via através da qual tenha ocorrido o processo de mediação dessa tradição, a sua filtragem dinâmica foi ousada. Ulisses era um pagão. E por ser um pagão, a sua humanidade poliédrica de forma alguma lhe bastou para ascender a níveis superiores de conhecimento. O autor da *Commedia* colocou-o nas *malebolge* do *Inferno*, as *bolge* ínfimas que condenam os malvados.

Por conseguinte, ao “tessere insieme i diversi saperi e i diversi codici” numa “visione plurima, sfaccettata del mondo”, Dante está a desafiar quer o meta-texto, quer o meta-discurso.

Sexto tempo

O *polymetis*, *polytropos*, *polymechanos*, *polyphron* e *polytlas*, que Dante revisita nos seus versos, sobreleva-se como herói da palavra. Instrumento primordial da sua estratégia é o discurso, a “orazion picciola” que de modo tão eficaz explora as potencialidades da *inventio* e da *captatio*. É um passo decisivo para o derrube do interdito que colocava o *non plus ultra* nas Colunas de Hércules. A essa fronteira até então preclusa, sobrepõe-se a liberdade e a sede de conhecimento do herói, dos seus marinheiros e dos leitores que consigo tem vindo a levar.

O discurso dessa sombra do *Inferno* de Dante instigou, com efeito, a palavra de muitos outros Ulisses que, na época contemporânea, aspiraram à liberdade³⁰. Osip Mandelstam, em *Conversas sobre Dante*, escrito em 1933 durante o período estalinista, elegeu a personagem da *Commedia* como símbolo da emancipação. Primo Levi, em *Se questo è un uomo*, que relata, na primeira pessoa, a vida de um deportado em Auschwitz-Birkenau entre finais de 1944 e a

³⁰ Encontra-se vasta informação acerca da receção de Dante nas páginas do *Companion* de Barański; Gilson (2019), assinadas por Prue Shaw (229-244), Anna Pegoretti (245-258) e Fabio Camilletti (259-270). Quanto a Portugal, ver Manuppella 1966 e Marnoto 1997.

chegada das tropas soviéticas, retomou a “*orazion picciola*” como antídoto contra a destruição humana perpetrada pelo nazismo.

Para além disso, ficam ainda outros Ulisses que não voltaram para Ítaca, como sombras de uma pós-modernidade cuja Multiplicidade se dilui na liquidez. As várias facetas do seu perfil desagregaram-se e dissiparam-se por uma diversidade de tempos e espaços carente de pontos de sutura. A propósito do choque entre formas de interpretação, ideias e estilos, Calvino convoca a figura tutelar de todos esses Ulisses, James Joyce, como acima notei. O protagonista de *Ulysses* que ao fim do dia volta para o lar deixou para traz o heroísmo. Vagueara por Dublin enquanto a esposa recebia o amante em sua casa, mas regressa. O *nostos* desse Leopold Bloom, tão frágil como persistente, oferece-lhe, de forma aparentemente paradoxal, o reencontro de uma felicidade sem retorno³¹.

Ao terminar o presente ensaio com o regresso ao âmbito que lhe serviu de ponto de partida, remeto para três autores da poesia portuguesa contemporânea que, atraídos pelo ímpeto centrífugo de Dante, dissolvem, também eles, os pontos de referência do *nostos*: Vasco Graça Moura, Luís Filipe Castro Mendes e José Tolentino Mendonça. Através de diversas vias, projetam no seu Ulisses a fragilidade e o desnorte de uma condição desgastante, que declina heroísmo e elegia.

A incerteza que afeta o Ulisses de Vasco Graça Moura³² é tal que o seu *nostos* fica em suspenso, dissolvido numa Multiplicidade descentrada, a navegar “por entre os perigos da literatura”, “até ao fim”:

e nunca se há-de saber-se se alcançou

³¹ “[A] arte do *puzzle* não é uma soma de elementos individuais e independentes, mas uma forma em que os elementos não pré-existem ao conjunto e por isso não são eles que determinam o conjunto, mas o conjunto que determina os elementos”, escreve Abílio Hernandez a propósito de *Ulysses*, reenviando para Perec (Cardoso 2019: 10).

³² A proximidade do poeta com Dante é ilustrada pelas suas traduções da *Commedia* (Moura 1995a) e da *Vita nova* (Moura 1995b). Também Sophia de Mello Breyner Andresen colaborou numa tradução da *Commedia*, na qual participaram igualmente Fernanda Botelho e Armindo Rodrigues, tendo vertido para português o *Purgatorio* (Alighieri 1961-1963).

alguma periferia, algum sustento
da ordem do inefável, o mundo era uma áspera
inexactidão fugindo-lhe, ou então algum sarro em cada página³³

Nem o viajante é capaz de agarrar a rugosidade do seu percurso, nem o leitor tem possibilidade de saber como se desenrolou a sua viagem ou se chegou a algum lugar. À sede de saber do Ulisses que ultrapassa as Colunas de Hércules, contrapõe-se um conhecimento incerto ou mesmo interdito. Na sua inexactidão hostil, o mundo desfaz-se, e com ele o horizonte do saber. A dúvida acerca do mundo é a dúvida acerca do *nostos* e acerca do regresso ao discurso das coisas e das viagens³⁴.

Por sua vez, para Luís Castro Mendes, se um regresso existe, não será possível fazer de Ítaca o seu destino.

Regressemos, não há Ítaca possível, os corpos desfizemo-los
na mesma erosão do seu mágico movimento.
Porque é tão ansiosamente que espero por ti
se nenhuma luz mais cabe no terror de mim?³⁵

As etapas da viagem descrita turvam o *nostos*. A Multiplicidade dos caminhos percorridos abriu profundidades desconstruídas, numa espera de luz e terror. No contraponto entre a expectativa que se despedaça e a vontade do regresso, não há clivagens absolutas. É aí que se encontra ubicada a fenda que instaura a possibilidade do conhecimento, mesmo sem Ítaca³⁶.

³³ Moura 2007: 396. O poema *ulisses* foi originariamente editado em *A furiosa paixão pelo tangível*, de 1987.

³⁴ O poeta “é mestre num jogo no qual ‘o real/só é dizível porque algumas palavras o destroem/e algumas palavras lhe resistem’, como é constatado no poema *jorge de sena na ilha de moçambique*”, escreve justamente Isabel Pires de Lima (Lima 2004: 120).

³⁵ Mendes 2018: 21. É a elegia 3. do volume *Seis elegias*, publicado em 1985.

³⁶ Já Nuno Júdice identificou o Ulisses de Castro Mendes com o Ulisses de Dante: “Falhado o encontro com Orfeu, o segundo arquétipo [da poesia de Castro Mendes] é Ulisses, não o da *Odisseia* finita mas esse que Dante condenou à viagem eterna. ‘[N]ão há Ítaca possível’ é a afirmação que surge como ponto de partida para uma

Diversa é a condição do Ulisses de José Tolentino Mendonça, que cito por último. Os interditos dos quais a personagem de Dante se libertara, para Vasco Graça Moura, podiam existir ou não existir, ao passo que, para Castro Mendes, neles residia o fulcro da clivagem que se abria ao conhecimento. O viajante do livro de José Tolentino, *Teoria da fronteira*, segue de perto as passadas da sombra do XXVI canto do *Inferno*. Divisa um “promontório azulado” que não é o da *Nauigatio Sancti Brendani*, passa por Ítaca, mas “deixa-se vogar por largo tempo”. Também ele é capitão de uma frota, sem que, porém, se reconheça como tal:

agora sabe que não há regressos
apenas fugas
e por detrás de cada triunfo
rudes objectos de guerra.³⁷

Este Ulisses não denega o *nostos*: sabe que ele não existe. Não é Calipso que o retém, a guerra não é em Troia, mas em Ítaca, e o *non plus ultra* não são as Colunas de Hércules, mas a própria fronteira da ilha que é sua. Em Ítaca, não ficaram coisas a crescer nem paredes pintadas de branco. Ítaca não é possível.

Nesse círculo fechado, resta a ambição do discurso, do poeta e da literatura. A desmesura da fronteira totalizante requer, para o novo milénio, que é o nosso, uma literatura cada vez mais excessiva.

Bibliografia

Alighieri, D. (1961-1963), *A divina comédia*. Trad. Fernanda Botelho [*Inferno*], Sophia de Mello Breyner Andresen [*Purgatório*], Armindo Rodrigues [*Paraíso*], pref. Vieira

viagem em que a esperança do regresso se vai esfumando, tanto mais quanto esse regresso se aproxima” (in Mendes 2018: 11). As clivagens desse Ulisses ficam bem patentes no título do livro de poemas publicado por Castro Mendes em 2016, *Outro Ulisses regressa a casa*.

³⁷ Mendonça 2017: 24-25, poema *O regresso a Ítaca*.

- de Almeida, ilustr. Manuel Lapa, António Areal, Fernando Azevedo, João Abel Manta, António Ramos, Rogério Ribeiro, Júlio Pomar, Skapinakis, Carlos Botelho et al. Lisboa: Minotauro.
- Álvarez Morán, M. C.; Iglesias Montiel, R. M. (2008), “La leyenda troyana en la mitografía humanista I: los inicios”, in J. M. Maestre Maestre; J. Pascual Barea; L. Chario Brea (eds.), *Humanismo y pervivencia del mundo clasico. Homenaje al Professor Antonio Prieto. IV (1751-1764)*. s. l.: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Andresen, S. de M. B. (2012), *Os poemas sobre Fernando Pessoa. Antologia*. Pref. F. C. Martins, sel. org. M. A. de Sousa Tavares. Alfragide: Caminho.
- Baldelli, I. (1991), “Dante e Ulisse”, *Lettere Italiane* 50.3: 358-373.
- Barański, Z. G.; Gilson, S. (2019), *The Cambridge Companion to Dante's Commedia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Boitani, P. (2012), *L'ombra di Ulisse. Figure di un mito*. Milano: Il Mulino.
- Calvino, I. (1995), *Lezioni americane. Sei proposte per il prossimo millennio*, in M. Barenghi (ed.) Italo Calvino, *Saggi. 1945-1985*. Vol.1. Milano: Arnoldo Mondadori, 715-733.
- Cardoso, A. H. (2019), “E se um livro, de repente, me ensinasse a lê-lo? *Ulysses*, de James Joyce”, in R. Marnoto (ed.), *Ut pictura poesis*. Coimbra: CAUC, 7-26.
- Chiappinelli, F. (2018), *Dante e l'altra Iliade. Le tracce di Ditti e Darete nel divizo poema*. s. l.: Youcanprint.
- Chiavacci Leonardi, A. M. (ed.) (2015), *Dante Alighieri. Commedia*. Milano: Mondadori.
- Di Sciacca, C. (2008), “The vernacularization of the *Synonyma*. The *ubi sunt* Topos”, in *Finding the right words. Isidore's synonyma in Anglo-Saxon England*. Toronto-Buffalo-England: University of Toronto Press, 103-148.
- Ferreira, J. R. (1997), “Um barco para Ítaca de Manuel Alegre”, *Máthesis* 6: 239-260.
- Ferreira, J. R. (2001), *Manuel Alegre. Ulisses ou os caminhos de eterna busca*. Coimbra: Minerva.
- Ferreira, J. R. (2013), *Ensaio sobre rumores de mar. Temas da poesia de Sópia*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Homero (2018), *Odisseia*. Trad. Frederico Lourenço. Lisboa: Quetzal.
- Inglese, G. (ed.) (2016), *Dante Alighieri. Commedia. Inferno*. Roma: Carocci.
- Lima, I. P. de (2004), “Referências clássicas na poesia de Vasco Graça Moura”, in J. R. Ferreira; P. Dias (eds.), *Fluir perene. A cultura clássica em escritores portugueses contemporâneos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Minerva Coimbra, 111-123.
- Marnoto, R. (1995), *A Arcadia de Sannazaro e o bucolismo*. Coimbra: Gabinete de Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Marnoto, R. (1997), “Dante”, s. v., in J. A. C. Bernardes; A. P. de Castro; M. L. A. Ferraz; G. C. de Melo; M. Ap. Ribeiro (eds.), *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa. Vol. 2*. Lisboa-São Paulo: Verbo.
- Marnoto, R. (2003), “O Ulisses de Dante e a sua presença na cultura italiana do século XX”, in F. de Oliveira (ed.), *Penélope e Ulisses*. Coimbra: APEC, Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, 167-195.
- Marnoto, R. (2011), “Plutarco: o regresso a terras itálicas”, in J. Pinheiro; J. R. Ferreira; N. C. Soares; R. Marnoto, *Caminhos de Plutarco na Europa*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 51-98.

- Marnoto, R. (2016), “Petrarca e o grego. O prazer de um surdo”, *Delphica. Letras & Artes* 3: 47-57.
- Manuppella, G. (1966), *Dantesca luso-brasileira. Subsídios para uma bibliografia da obra e do pensamento de Dante Alighieri*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Martellotti, G. (1983), “Dante e Omero”, in *Dante, Boccaccio e altri scrittori dall’Umanesimo al Romanticismo*. Firenze: Leo S. Olschki, 51-60 [anteriormente publicado em *Enciclopedia dantesca*, 1973].
- Mendes, L. F. C. (2018), *Poemas reunidos*. Pref. Nuno Júdice. Porto: Assírio e Alvim.
- Mendonça, J. T. (2017), *Teoria da fronteira*. Porto: Assírio e Alvim.
- Moura, V. G. (1995a), *A Divina comédia de Dante Alighieri*. Lisboa: Bertrand [reed. (2019). Lisboa: Quetzal].
- Moura, V. G. (1995b), *A Vita nuova de Dante Alighieri*. Venda Nova: Bertrand [reimpr. 2001].
- Moura, V. G. (2007), *Poesia 1963/1995*. Lisboa: Quetzal.
- Nascimento, A. (ed.) (1998), *Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*. Lisboa: Colibri.
- Oliveira, F. de (2002), “Portugal”, s. v., in H. Cancik; H. Schneider (eds.), *Der Neue Pauly*. Stuttgart: Weimar, Metzler.
- Oliveira, F. de (ed.) (2003), *Penélope e Ulisses*. Coimbra: APEC, Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra.
- Pereira, M. H. R. (1955), *Concepções belénicas de felicidade no Além*. Tese de Doutoramento em Filologia Clássica. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Säid, S. (2003, 3ª ed.), “Homer”, s. v., in S. Hornblower; A. Spawforth (eds.), *The Oxford classical dictionary*. Oxford: Oxford University Press.
- Surdich, F. (2020), “Usodimare, Antoniotto”, s. v., in *Dizionario biografico degli italiani*, volume 97. Roma: Enciclopedia Italiana. https://www.treccani.it/enciclopedia/antoniotto-usodimare_%28Dizionario-Biografico%29/